



JONAS, Hans. O conceito de Deus após Auschwitz:
uma voz judia. Trad.: Lilian Simone Godoy Fonseca.
São Paulo: Paulus, 2016. ISBN: 978-85-3494-300-0.

Luís Gabriel Provinciatto *

A obra de Hans Jonas (1903-1993) está ganhando espaço na academia brasileira a partir de sua tradução e publicação em português e de alguns estudos em forma de artigos, livros ou comunicações em eventos científicos. O pensamento de Hans Jonas desperta o interesse de diferentes áreas acadêmicas por ser elaborado de maneira plural. Pode-se encontrar nele um debate ricamente filosófico, em constante articulação com a preocupação ética, epistemológica, religiosa. Fato: a obra de Jonas permite diálogo e conduz à primordial tarefa do pensamento.

O conceito de Deus após Auschwitz, tornada pública em português em 2016, refere-se a uma conferência ministrada por Jonas em Tübingen em 1984 por ocasião do recebimento do prêmio *Leopold Lucas*. O texto já havia sido publicado em 1968 e se configurava, na verdade, como uma retomada de parte de uma palestra ministrada pelo próprio Jonas em 1961 – *Immortality and the Modern Temper*. A edição brasileira traz a conferência de 1984 e é precedida de um texto assinado por Eric Pommier: *A improvidência divina*.

Resenha recebida em 31 de outubro de 2016 e aprovada em 08 de março de 2017.

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-Campinas (2016). País de Origem: Brasil. E-mail: lgprovinciatto@hotmail.com

A intenção de Pommier em seu texto é clara: elaborar uma introdução. Esta, por sua vez, exerce uma dupla tarefa, sendo capaz de apresentar o texto, bem como conduzir o leitor até ele. A primeira delas antecipa ao leitor alguns pontos fundamentais que serão depois abordados pelo próprio Jonas ao longo da conferência. A segunda realiza uma introspecção textual, ou seja, o leitor é convidado a se *introduzir* no texto, vendo-se impelido a ir adiante para procurar – e talvez encontrar – respostas para as provocadoras perguntas feitas pelo próprio Pommier ao final desse texto introdutório. Por isso, essa “introdução” marca um caminho, no qual se destacam a seguir quatro pontos.

O primeiro ponto alerta o leitor para a possível compreensão do *locus* dessa conferência no pensamento de Jonas, podendo esta ser vista sob duas perspectivas: ou como marginal a seu pensamento, ou como fonte de todo o desenvolvimento de suas obras. A indicação de Pommier, no entanto, pretende restituir o caráter essencial ao texto, mostrando que ele se insere no próprio desenvolvimento histórico-intelectual de Hans Jonas.

O segundo ponto a ser destacado: a importância de Martin Heidegger e Rudolf Bultmann no pensamento de Jonas. Se por um lado a figura de Heidegger é importante para a formação filosófica de Jonas, por outro é preciso relativizar o “valor explicativo dos *conceitos* ontológicos” para, então, ser capaz de adentrar na esfera imaginativa – tão priorizada por Jonas na conferência. A importância de Bultmann está, sobretudo, na apropriação da noção de demitologização: Jonas irá se apoiar nessa concepção teológica para desenvolver sua resposta àquilo que se pretende *pensar* e não propriamente *conhecer*. Pode-se perceber a seguinte intenção nessa indicação de Pommier: alertar para a presença intrínseca desses pensadores ao longo da conferência, uma vez que eles não são explicitamente citados por Jonas.

Outro ponto merecedor de atenção: a fenomenologia da vida desenvolvida por Jonas, na qual a biologia tem um papel fundamental, também está presente na conferência, mas nas entrelinhas do texto. Soma-se a isso o uso da imaginação

metafísica nesse desenvolvimento fenomenológico, fazendo com que a existência humana seja também justificada e significada a partir de um transcendente.

O último destaque a ser dado ao texto de Pommier: ele antecipa e responde uma questão fundamental feita pelo próprio Jonas ao longo da conferência – “que credibilidade pode conservar um Deus que permitiu que tal mal fosse cometido?” –, permitindo, com isso, que o próprio leitor elabore questões prévias, com as quais pode adentrar à leitura da conferência. De fato, Pommier instiga a ler a conferência *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*.

A conferência em si inicia por alertar o leitor: “o que eu tenho a oferecer é um fragmento de teologia francamente especulativa” (p. 17). De fato, há teologia, mas há também, não se pode negar, uma preocupação existencial e filosófica, mostrando o caráter plural dessa obra. Segue-se a isso um apontamento fundamental: a viabilidade de discutir o conceito de Deus enquanto tarefa do pensamento e não como conhecimento. Essas duas indicações funcionam como preâmbulo, incidindo, obviamente, na continuidade da própria conferência que, à sequência, destaca porque Auschwitz é classificada como um episódio singular para o povo judeu, colocando-a, por exemplo, ao lado da pergunta feita no *Livro de Jó*: por que o homem sofre?

A intenção de Jonas não se limita à comparação bíblica, indo além e mostrando que o episódio de Auschwitz não se tratou de doação por amor à própria fé, nem de morte por causa da fé, conforme aponta o *Livro de Macabeus*. Auschwitz mostra como “a desumanização pela absoluta degradação e privação precedeu suas mortes [dos judeus], nenhum vislumbre de humanidade foi deixado àqueles destinados à solução final, dificilmente um traço de dignidade foi encontrado nos espectros esqueléticos sobreviventes dos campos libertados” (p.20). Tendo como referência a própria fé judaica – para a qual Deus é o Senhor da História – Jonas permite vislumbrar a seguinte questão nas entrelinhas do texto: por que Auschwitz aconteceu? E mais: como não colocar a tradicional ideia de Deus em questão depois do ocorrido?

De fato, essas indagações conduzem uma procura por respostas e, para tanto, Jonas utiliza um mito. Aqui se percebe a influência da noção de demitologização de Bultmann na conferência, pois o mito narrado por Jonas não diz respeito a figuras heroicas, lendárias ou fictícias; trata-se, antes, de elaborar um mito demitologizado, capaz de recorrer ao nível da compreensão lógica para ser entendido, mas sem esgotar a própria dimensão compreensiva em termos racionais. A apresentação do mito tem a seguinte finalidade: fazer perceber alguns aspectos de Deus, sua relação com o mundo, bem como a própria divina recusa de sua onipotência. Após a apresentação da narrativa, Jonas ocupa-se até ao final da conferência com a explicação dos elementos presentes no mito, destacando, a princípio, o tópico que diz respeito aos atributos divinos. De acordo com a compreensão do próprio Jonas, Deus se caracteriza por ser um Deus que sofre, que é devir, que cuida e que está em perigo.

O primeiro a ser tratado: o Deus que sofre. Esse sofrimento se dá desde a criação e aqui o autor alerta para o fato de não confundir essa ideia de sofrimento com a noção cristã de sofrimento, significada a partir da encarnação e crucificação. Esse sofrimento é mútuo, isto é, por parte da deidade e da criatura. O sofrimento da criatura, conforme indica Jonas, sempre foi reconhecido pela teologia, ao passo que o sofrimento de Deus é causado pelo menosprezo da criatura. Daí a citação: “não o encontramos lamentando ter criado o homem e sofrendo a decepção que experimenta com ele?” (p. 26).

Disso decorre a segunda característica: um Deus em devir, isto é, em constante movimento. Isso faz com que se afirme o seguinte: esse Deus não é transtemporal, ou seja, não está além de toda temporalidade e nem é imutável. Isso indica para o fato, afirmado por Jonas, de que Deus se modifica de acordo com o que acontece no mundo. A segunda característica aponta, então, para a emergência de Deus no tempo, não permanecendo idêntico a si mesmo por toda a eternidade.

A terceira característica decorre necessariamente das outras duas: um Deus que sofre e que se movimenta é um Deus envolvido com seu povo. É um Deus que

cuida. Esse Deus cuidadoso, porém, não é solucionador de problemas. Conforme indica Jonas, em conformidade com a crença judaica: “ele deixou algo para outros agentes fazerem e assim fez o seu cuidado dependente deles” (p. 28). Esse é, então, um Deus em perigo. Essa quarta característica mostra a imperfeição do mundo, pois caso contrário o próprio Deus interferiria e criaria um ambiente perfeito. Isso aponta para a principal conclusão da conferência: esse não é um Deus onipotente.

Acerca dessa afirmação: Jonas tem consciência de que a noção de Deus todo-poderoso está consolidada no tempo, mas acusa-a de cometer um equívoco. O primeiro apontamento a esse respeito diz o seguinte: todo poder é relacional; a existência de um poder absoluto faz com que seja extinguida qualquer outra figura; não havendo relação, não há poder. Dessa forma, o próprio poder de Deus é limitado pelo poder do homem, por mais que o poder deste seja concedido por aquele, de acordo com a afirmação judaica. A essa noção de poder absoluto de Deus se somam outras duas: a da bondade suprema e a inteligibilidade. Jonas segue sua argumentação a respeito da não onipotência de Deus afirmando que os três termos – poder absoluto, bondade suprema e inteligibilidade – não podem ser afirmados ao mesmo tempo. A afirmação de dois deles já exclui, necessariamente, o terceiro.

Aqui entra um ponto determinante para a argumentação de Jonas: a fé judaica. A tradição judaica – e o autor a assume desde o início da conferência – mostra que Deus pode ser compreendido, ou seja, é inteligível a partir de suas obras, a partir da criação. Deus se revela. O episódio de Auschwitz traz um ponto muito interessante: se Deus pode ser compreendido e houve Auschwitz, então, ou ele não é bom ou não é todo-poderoso. Sustentando a ideia de que há bondade em Deus, ele não pode ser todo-poderoso, justificando, assim, o mal que há no mundo. Essa não onipotência fez com que Deus estivesse calado durante Auschwitz, afirma Jonas.

O mal, por sua vez, não tem outra origem senão no coração do próprio homem, fortalecendo-se no mundo. De acordo com Jonas, “a eliminação da onipotência divina deixa a escolha teórica entre as alternativas ou de algum

preexistente *dualismo* ou da *autolimitação* de Deus através da criação a partir do nada” (p. 33). A voz judia aludida na conferência faz pesar a segunda opção: a autolimitação de Deus faz com que se compreenda a imperfeição. Com isso, rechaça-se uma possível compreensão maniqueísta sobre a origem do mal. A atenção volta-se, então, mais uma vez para Auschwitz: ele não é uma imperfeição, mas uma escolha deliberada. Auschwitz é deliberação do próprio homem e, por isso, a teologia judaica deve se confrontar com esse episódio.

Será ainda possível uma relação com Deus depois desse ocorrido? Jonas, de fato, alude a esta pergunta, respondendo-a de maneira afirmativa. Essa afirmação, no entanto, aponta para o fato de que agora não é mais Deus quem dá alguma coisa ao homem, mas o homem que dá algo para Deus. Vale destacar, nesse sentido, a menção feita pelo próprio Jonas em nota de rodapé acerca da obra *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum, 1941-1943* (1984), na qual se encontram escritos de uma vítima de Auschwitz. Nesta nota lê-se o seguinte: “eu devo ajudá-lo, Deus, a impedir que minhas forças se esvaíam, embora não possa garantir com antecedência. Mas uma coisa está se tornando cada vez mais clara para mim: que você não pode nos ajudar, que devemos ajudá-lo a nos ajudar a nós mesmos...” (p. 36).

Ao final, Jonas mostra que a resposta àquela pergunta também presente no livro de Jó – por que, afinal, o homem sofre? – é respondida por ele de maneira diferente da do livro sagrado: lá se aponta para a onipotência de Deus, aqui na conferência para a escolha divina de renunciar ao poder absoluto.

Recomenda-se, por fim, a apreciação dessa obra e se destaca sua formação plural, possibilitando, assim, o diálogo acadêmico. Além disso, mesmo tendo como ponto de partida a própria fé judaica, Jonas é capaz de assegurar um rigor objetivo a seu texto, permitindo sua compreensão de maneira ampla, isto é, não somente por aqueles que aderem à fé judaica. Isso também é um ensinamento a ser percebido ao longo da conferência.